

ISEPE

PAOLA ROSA DA SILVA GUIMARÃES

RESGATE DA IDENTIDADE DO ESQUECIDO:  
O ESTANDARTE EM ARTETERAPIA

Rio de Janeiro  
**2009**

**PAOLA ROSA DA SILVA GUIMARÃES**

**RESGATE DA IDENTIDADE DO ESQUECIDO:  
O ESTANDARTE EM ARTETERAPIA**

Monografia de conclusão de curso apresentada  
ao ISEPE como requisito parcial à obtenção do  
título de Especialista em Arteterapia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Ângela Philippini

Rio de Janeiro  
2009

Dedico esse trabalho, primeiramente a Deus, pois para Ele, por meio Dele, são todas as coisas. Ao Márcio Guimarães e Luiza Guimarães pela compreensão em minhas ausências. A Primeiro Tenente Vanessa Ribeiro que me confiou este trabalho no encaminhamento dos pacientes e à Marinha do Brasil por me proporcionar conhecer pessoas maravilhosas como *o grupo dos sobreviventes*.

## AGRADECIMENTOS

À Ângela Philippini, orientadora deste estudo, por compartilhar o seu saber com esta arteterapeuta iniciante;

À Márcia Santos Lima de Vasconcellos pelos socorros metodológicos;

À Eliana Nunes Ribeiro, facilitadora deste estudo no meu processo de individuação.

Nos fazemos doentes ao dizer o oposto do que sentimos. Ao ir atrás do que não gostamos. E ao nos alegrarmos com o que não nos traz felicidade.

Boris Pasternak

## **RESUMO**

Este trabalho descreve o Estandarte como um elemento expressivo em Arteterapia. Pressupõe o resgate da identidade de alguém esquecido de sua singularidade e apropriação coletiva. Investiga o estandarte em Arteterapia como agente facilitador neste percurso mnemônico, proporcionando um leque de possibilidades para o tempo real, caminho da individuação e fortalecimento do espaço social.

Palavras-chave: identidade- memória- estandarte- arteterapia- individuação.

## **ABSTRACT**

This paper describes the standard as an expressive element in Art therapy. It concerns the regain of somebody's identity, forgotten of its singularity and collective appreciation. Investigating the standard in Art therapy as an easier agent in this mnemonic way, making available some possibilities for real time, walking from individualization and strength of social space.

Key-words: identity- memory- standard- Art therapy- individualization.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- O uso de armaduras e elmos ( <a href="http://www.google.com.br">www.google.com.br</a> ).....	3
Imagem 2- A loba e os fundadores mitológicos de Roma ( <a href="http://www.klickeducacao.com.br">www.klickeducacao.com.br</a> ) .....	4
Imagem 3- Bandeira da Marinha do Brasil ( <a href="http://www.wikipedia.com">www.wikipedia.com</a> ).....	5
Imagem 4- Estandartes ( <a href="http://www.wikipedia.com">www.wikipedia.com</a> ).....	6
Imagem 5- Insígnias ( <a href="http://www.wikipedia.com">www.wikipedia.com</a> ).....	6
Imagem 6- Armas.( <a href="http://www.wikipedia.com">www.wikipedia.com</a> ) .....	6
Imagem 7- Bandeira da Ordem Militar de Cristo (1332-1651) <a href="http://www.atelierheraldico.com.br">www.atelierheraldico.com.br</a> ..	7
Imagem 8- Bandeira do Principado do Brasil (1645 – 1816) <a href="http://www.atelierheraldico.com.br">www.atelierheraldico.com.br</a> ...	8
Imagem 9-Bandeira do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve (1816-1821) <a href="http://www.atelierheraldico.com.br">www.atelierheraldico.com.br</a> .....	8
Imagem 10-Bandeira Imperial do Brasil(1822 - 1889) <a href="http://www.atelierheraldico.com.br">www.atelierheraldico.com.br</a> .....	8
Imagem 11-Bandeira Provisória da República (15 a 19 Nov 1889) <a href="http://www.atelierheraldico.com.br">www.atelierheraldico.com.br</a> .....	9
Imagem 12-Bandeira Nacional ( <a href="http://www.atelierheraldico.com.br">www.atelierheraldico.com.br</a> ).....	9
Imagem 13-Relações entre as estrelas e os estados da Federação ( <a href="http://www.atelierheraldico.com.br">www.atelierheraldico.com.br</a> ).....	9
Imagem 14- Legião romana ( <a href="http://brenolucanus.blogspot.com">brenolucanus.blogspot.com</a> ).....	12
Imagem 15- Estandartes do carnaval carioca ( <a href="http://www.gogle.com.br">www.gogle.com.br</a> ).....	14
Imagem 16- Estandartes religiosos( <a href="http://embaixadaroachaviva.com">embaixadaroachaviva.com</a> ).....	14
Imagem 17- Estandarte do Artur Bispo do Rosário( <a href="http://www.proa.org">www.proa.org</a> ).....	23
Imagem 18- Estandarte do Bispo ( <a href="http://www.proa.org">www.proa.org</a> ).....	24
Imagem 19-Profeta Gentileza e seu estandarte ( <a href="http://www.biakushnir.files.word.press.com">www.biakushnir.files.word.press.com</a> ).....	25
Imagem 20- A ampliação do estandarte do Profeta Gentileza( <a href="http://www.farm2.static.flickr.com">www.farm2.static.flickr.com</a> )..	26
Imagem 21- Árvore genealógica (foto da autora).....	34
Imagem 22- Brasões pesquisados impressos (foto da autora).....	35



Imagem 23- Transformando os brasões para formar um novo brasão (foto da autora).....	36
Imagem 24- Brasão da identidade familiar em reconstrução (foto da autora).....	36
Imagem 25- Suporte para o brasão (foto da autora).....	37
Imagem 26- Energia transformada em símbolos através da materialidade do estandarte (foto da autora).....	38
Imagem 27- Estandarte em construção(foto da autora) .....	38
Imagem 28- O Processo (foto da autora) .....	39
Imagem 29- Estandartes individuais(foto da autora) .....	40
Imagem 30- Confecção do texto para o blog ( foto da autora) .....	41
Imagem 31- Processo criativo( foto da autora) .....	41
Imagem 32- Confecção do brasão do grupo (foto da autora) .....	42
Imagem 33-Discussão em grupo sobre a produção do brasão coletivo (foto da autora).....	42
Imagem 34- A heráldica do brasão: escrita criativa (foto da autora).....	43
Imagem 35- Materialidade do brasão (foto da autora).....	43
Imagem 36 Símbolos do brasão.(foto da autora).....	44
Imagem 37 Estandarte coletivo.(foto da autora).....	45
Imagem 38-Participação da terapeuta na aula de inclusão digital(foto da autora) .....	47

## SUMÁRIO

RESUMO .....	v
ABSTRACT .....	vi
LISTA DE IMAGENS .....	vii
APRESENTAÇÃO .....	1
INTRODUÇÃO.....	2
CAPÍTULO 1: O ESTANDARTE E ASPECTOS ARQUETÍPICOS .....	3
1.1 Etimologia,gênese,significados simbólicos.....	3
1.2 Tipos de estandartes .....	7
1.2.1 Estandarte militar.....	10
1.3 O estandarte como símbolo .....	12
CAPÍTULO 2: O ESTANDARTE EM ARTETERAPIA .....	16
2.1 Contribuições da Arteterapia em processos de esquecimento da identidade..	16
2.2 Criando estandartes com pacientes esquecidos .....	19
2.3 O estandarte como modalidade expressiva em Arteterapia .....	21
2.4 Materialidade do estandarte em Arteterapia .....	26
CAPÍTULO 3: CASOS CLÍNICOS DA IDENTIDADE .....	30
3.1 O grupo .....	30
3.2 As sessões .....	33
CONCLUSÕES .....	48
REFERÊNCIAS .....	49

## APRESENTAÇÃO

A formação em Terapia Ocupacional suscitou o encorajamento para percorrer o caminho em frente: a Arteterapia. Em minha monografia de conclusão de curso já havia a citação da terapia através da arte como promotora de bem estar.

Cheguei à Arteterapia acreditando que o homem é um ser biopsicossocial, que saúde não é ausência de doença, que tratamento não é apenas medicamentoso e que arte é mais potencializadora quando transformada em tratamento, estimulando metamorfoses. Alguém que está nesse mundo, precisando de ajuda, torna-se um ser mais ativo, quando permite ser alcançado por esta terapia através da arte que encanta, mobiliza e simboliza a expressão do ser, do que já foi e na possibilidade do que há de ser.

Durante a minha vivência em Arteterapia, experimentei diversas modalidades expressivas, porém escolhi o estandarte como forma de fortalecimento do processo de individuação de pessoas portadoras de demência leve a moderada, em que o maior prejuízo constatado foi a falta de memória e identidade.

No contexto deste estudo, estandarte representa identidade. Identidade do que se é, na desconstrução do que se foi, e na construção do que é possível ser. Vendo e revendo atitudes e pensamentos, revelando o comportamento adequado ou inadequado do que se pensa que se é. No duelo do que sou e do que não sou, do que represento para mim e do que vão falar de mim. Neste conflito, decido o que desejo ser para mim, ou ser para os outros. O que será que me faz feliz? No processo de individuação continuo vivendo nesta constante ação do meu ser. É como se constantemente necessitasse de levantar um estandarte para representar o que verdadeiramente sou e não o que querem que eu seja.



## INTRODUÇÃO

Este estudo pretende apresentar o estandarte como uma das modalidades expressivas em Arteterapia, descrevendo a sua gênese, significado simbólico e materialidades, contribuindo para este campo de conhecimento.

A monografia terá como eixo as inter-relações entre memória e identidade, considerando o esquecimento como um fator desorganizador, resultando em prejuízos no cotidiano das pessoas.

A investigação foi desenvolvida tendo como base pressupostos metodológicos do modelo bibliográfico de pesquisa. A primeira parte consistiu em abordar a imagem do estandarte como linguagem simbólica, representando passado e presente. Na segunda parte, o fio temático conduzirá às interfaces da Arteterapia e Psicologia Analítica, na pesquisa se o vínculo com o passado pode extrair força para o resgate da identidade no presente em relação ao futuro. Na terceira parte serão apresentadas as aplicabilidades e benefícios terapêuticos no universo clínico, com Portadores de Demência Leve a Moderada, e na última parte estão registradas conclusões e recomendações sobre o tema.

## CAPÍTULO 1

### O ESTANDARTE: ASPECTOS ARQUETÍPICOS

Pretendo, através da gênese do estandarte, apresentar o significado de alguns elementos simbólicos principais, integrantes de sua configuração.

#### 1.1 ETIMOLOGIA, GÊNESE, SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS

A utilização de símbolos e cores<sup>1</sup> como forma de identificar indivíduos, famílias ou tribos é um fenômeno universal e com raízes remotas. Nas batalhas medievais, manter-se vivo dependia da complicada arte de saber distinguir o amigo do inimigo. Essa era uma tarefa difícil em uma época na qual não existiam uniformes padronizados e os guerreiros eram cobertos por armaduras.

O uso de armaduras e dos elmos que cobriam completamente o rosto, tornou necessário um sistema de identificação facilmente visível de longe. Para um cavaleiro medieval dentro da sua armadura era impossível distinguir-se, no calor de uma batalha ou desde a bancada de um torneio, de qualquer outro com uma armadura semelhante; os reis e chefes militares eram difíceis de identificar e seguir; durante um combate, amigos e inimigos confundiam-se.<sup>2</sup> Estes fatores levaram ao uso de emblemas pessoais pintados nos escudos e elmos e, por vezes, nas roupas do cavaleiro ou na cobertura da montada. Assim, cada combatente costumava decorar seu escudo e sua túnica com um distintivo único, que o diferenciava dos demais.



IMAGEM 1- O uso de armaduras e elmos.

1 <http://www.atelierheraldico.com.br> - Acessado em 08/11/2008.

2 <http://www.baccam.sites.uol.com.br>- Acessado em 27/11/2008.

Embora a arte dos brasões seja bastante antiga, originando-se nos distintivos de penas, peles, tatuagens ou pinturas dos povos primitivos, não existe uniformidade de opiniões entre os historiadores sobre o início da prática de empregar símbolos como marcas de posse e no seu aparecimento nos escudos.

São antiqüíssimos os símbolos das famílias, tribos e cidades; por exemplo: a loba de Roma e o escaravelho egípcio. Os poemas dos ciclos hindus e gregos descrevem as armas e escudos simbólicos dos chefes militares.



IMAGEM 2- A loba e os fundadores mitológicos de Roma.

Na mitologia, os romanos tentavam explicar a fundação e a história de sua nação. Acreditam que os irmãos Rômulo e Remo foram os fundadores da cidade de Roma.<sup>3</sup>

Segundo Nascimento(2005)<sup>4</sup>, da representação dessas figuras nos escudos nasceu a Heráldica, como a ciência e arte que estuda e interpreta as origens, evolução, representação e simbolismo dos Brasões de Armas ou escudos. É também o conhecimento das regras, segundo as quais as armas devem ser compostas, definidas e reproduzidas.

Os símbolos como sinais de honra e nobreza, que passavam de pais para filhos, começaram a ser empregados nas armarias no final do século X, tendo sido regularizado o seu uso e aperfeiçoadas suas regras, nos três séculos seguintes. Mas as regras precisas da confecção dos brasões e os termos próprios da heráldica somente foram estabelecidas ao final do século XV. Seu sucesso na Idade Média deve-se ao apogeu da cavalaria, do romantismo na arte e da exaltação da família e da nobreza.

<sup>3</sup> Os antigos romanos acreditavam que Rômulo e Remo fossem gêmeos nascidos de uma mãe mortal e do deus da guerra, Marte. Logo depois de seu nascimento, foram postos para flutuar no rio Tibre dentro de um cesto. Uma loba encontrou os bebês e tomou conta deles. Finalmente, um pastor descobriu os gêmeos e os criou até a idade adulta. Rômulo e Remo decidiram construir uma cidade no lugar do Tibre onde a loba os tinha descoberto. Numa briga, Rômulo, ou um de seus seguidores, matou Remo. Então, Rômulo fundou Roma, supostamente no ano 753 a.C.

<sup>4</sup> O Capitão QOEA SVA Osiris Gomes do Nascimento é formado pelo Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica—CIAAR/MG, no Estágio de Adaptação ao Oficialato—1998. É natural de Fortaleza-CE, exerce atualmente a chefia da Seção Auxiliar da Assessoria de Pessoal do Gabinete do Comandante da Aeronáutica—GABAER, em Brasília. É co-autor do livro "Medalhística Aeronáutica Brasileira", publicado em 1998, pelo Gabinete do Comandante da Aeronáutica. É colaborador da Revista Força Aérea <http://www.airpower.maxwell.af.mil> – Acessado em 08/11/2008.

A partir do século XIII, a ciência heráldica passa a subordinar-se às regras até hoje conservadas. Foi então que cada família passou a dispor de um brasão, de sua propriedade pessoal e intransferível. Constituiu-se, assim, a linguagem simbólica da nobreza.

A arte de desenhar brasões nasceu para atender a nobres e cavaleiros e expandiu-se com o surgimento dos reinos e cidades, onde cidadãos importantes, mesmo sem experiência militar, recebiam a sua cota de armas. Praticamente todas as famílias de origem européia têm o seu brasão registrado nos antigos livros de armas. Brasão e armas são termos heráldicos de igual valor e significam o conjunto de insígnias hereditárias, compostas de figuras e atributos determinados, concedidos por príncipes e reis em recompensa por serviços relevantes. Podem ainda indicar marca ou distintivo de linhagem premiada.

A palavra brasão surgiu do francês *blason* e significa emblema (figura simbólica), insígnia, alegoria de pessoa ou família nobre. Ter uma insígnia é um sinal distintivo de dignidade. Brasão identifica uma família, uma facção.

Etimologicamente<sup>5</sup>, estandarte origina-se do latim *extendere* (estender), que corresponde à bandeira de guerra, bandeira, insígnia. Um grupo de combatentes guiam-se por determinada bandeira. Abrindo um parêntese estandarte em arteterapia é, então, estender, *ampliar* a arte: forma de expressão arquetípica do ser humano.



IMAGEM 3- Bandeira da Marinha do Brasil.

Bandeira<sup>6</sup> é uma peça de tecido geralmente presa na ponta superior de um mastro, com cores diversas e outros símbolos, usada como representação de um grupo, facção, nação, país, Estado. Sinônimo de pavilhão, estandarte, pendão, flâmula, lábaro, vexilo. Guerra (conflito em geral armado, entre povos ou nações).

<sup>5</sup> <http://www.brasiliavirtual.info> – Acessado em 12/02/2009.

<sup>6</sup> <http://www.wikipedia.com> - Acessado em 12/02/2009.



IMAGEM 4- Estandartes.

Insígnia de uma nação, corporação militar, religiosa ou civil, agremiação política, símbolo de um partido ou doutrina; pendão; bandeira. Bandeira de guerra.



IMAGEM 5- Insígnias.

Armas<sup>7</sup> são instrumentos usados para ataque e defesa. Escudos provem do latim *scutu* e significam arma defensiva que se leva o braço e que serve para proteger-se de armas ofensivas.



IMAGEM 6 – Armas.

Como reflexo do comportamento humano, a arte heráldica chegou aos dias de hoje como uma atividade plena de criação, atualizando-se, e, tomando nota em cada país e em cada corporação pela força única de eternizar suas culturas e costumes.

---

<sup>7</sup> <http://www.wikipedia.com> - Acessado em 12/02/2009.



## 1.2 TIPOS DE ESTANDARTES

No Brasil, a heráldica real praticamente começou junto com a militar<sup>8</sup> que, cronologicamente, foi a primeira a surgir; porém, em muitos casos, as duas se confundem, uma vez que a simbologia na heráldica militar também representava a pessoa do próprio líder. Apesar de hoje conhecermos e nomearmos como heráldica toda esta ciência de símbolos, não foi assim no começo de tudo. Levou-se muito tempo até que povos de civilizações diferentes começassem a descobrir os símbolos reais de outros povos. Só eram conhecidos os símbolos da realeza local e da dos inimigos.

A heráldica real existe apenas por causa da monarquia, quer seja na forma regimentar de Reino, quer seja na forma regimentar de Império. No Brasil, a heráldica nasceu durante o Império Brasileiro e o uso dos títulos extinguiu-se com a morte do titular. Os brasões eram concedidos a grandes fazendeiros, políticos e outros que, de uma forma ou de outra, prestavam apoio ou préstimos à Coroa. Desde o ano de 1500, quando o Brasil foi descoberto e colonizado pelos portugueses, que a heráldica também entrou neste país, existindo como heráldica nas regras de Portugal. Éramos então a "Terra de Santa Cruz", e desde então temos recebido outros nomes e seus referentes símbolos e bandeiras. O primeiro símbolo da história brasileira, a Cruz da Ordem Militar de Cristo estava pintada nas velas das dozes embarcações que chegaram em terras brasileiras no dia 22 de abril de 1500.



IMAGEM 7 – Bandeira da Ordem Militar de Cristo (1332-1651)

É uma figura composta por uma cruz grega branca sobreposta a uma cruz vermelha, que lhe serve de campo. Os marcos traziam de um lado o escudo português e do outro a Cruz de Cristo. Uma ordem militar era uma instituição militar e religiosa restrita aos nobres, que nela eram admitidos mediante sagração no grau de cavaleiro, para combater os hereges (muçulmanos), tornando-se verdadeiros monges-soldados. A Ordem Militar de Cristo era a sucessora portuguesa da Ordem dos Templários e foi criada pelo rei de Portugal, D. Diniz em 1319.

---

<sup>8</sup> Segundo a heráldica militar no site <http://www.atelierheraldico.com.br> - Acessado em 08/11/2008.



IMAGEM 8 - Bandeira do Principado do Brasil (1645 - 1816)

O primeiro pavilhão elaborado especialmente para o Brasil. D João IV conferiu a seu filho Teodósio o título de "Príncipe do Brasil", distinção transferida aos demais herdeiros presuntivos da Coroa Lusa. A esfera armilar de ouro passou a ser representada nas bandeiras de nosso País.



IMAGEM 9 - Bandeira do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve (1816-1821)

O Brasil está representando nessa bandeira pela esfera armilar de ouro, em campo azul, que passou a constituir as Armas do Brasil Reino.



IMAGEM 10 - Bandeira Imperial do Brasil (1822 - 1889)

Criada por Decreto de 18 de setembro de 1822, era composta de um retângulo verde e nele, inscrito, um losango ouro, ficando no centro deste o Escudo de Armas do Brasil. Assistiu ao nosso progresso com o crescimento como Nação e a consolidação da unidade nacional.



IMAGEM 11 - Bandeira Provisória da República (15 a 19 Nov 1889)

Esta bandeira foi hasteada na redação do jornal "A Cidade do Rio", após a proclamação da República, e no navio "Alagoas", que conduziu a família imperial ao exílio.



IMAGEM 12 – Bandeira Nacional

As modificações feitas da Lei n. 5.443, de 28 de maio de 1968, devem ser atualizadas sempre que ocorrer a criação ou a extinção de Estados. (Refere-se à lei N. 8.421 de 11 de Maio de 1992). As constelações que figuram na Bandeira Nacional correspondem ao aspecto do céu, na cidade do Rio de Janeiro. Os novos Estados da Federação serão representados por estrelas que compõem o aspecto celeste, de modo a permitir-lhes a inclusão no círculo azul da Bandeira Nacional sem afetar a disposição estética original constante do desenho proposto pelo Decreto n. 4, de 19 de novembro de 1889.



IMAGEM 13 - Relações entre as estrelas e os estados da Federação

### 1.2.1 ESTANDARTE MILITAR

A Heráldica, também chamada Ciência Heróica, define-se como o conjunto de preceitos que regulam a forma pela qual se devem simbolizar acontecimentos, basicamente de ordem histórica, que parecem convenientes de serem perpetuados.

Inserindo-se na Heráldica Militar estão: cores, brasões e insígnias que, têm sido associados às diferentes forças militares, ao longo dos anos. Assim, as três forças são ricas em tradições expressas na nobre arte dos brasões e estandartes, divulgando os símbolos heráldicos, fornecendo ferramentas úteis no entendimento de suas tradições e seus valores históricos, representadas nas variadas manifestações em cores, forças e significados.

Segundo Nascimento (2005), com o surgimento do avião, no começo do século passado, foi necessário criar algum tipo de sinal distintivo, capaz de identificar a sua nacionalidade. O uso de bandeiras nos aviões não é prático e, por isso, os emblemas nacionais começaram a ser pintados na asas, na cauda e na fuselagem das primeiras aeronaves. Em 1907, a Convenção de Haia firmou as regras para as insígnias militares aéreas .

As insígnias nacionais geralmente estão relacionadas à bandeira de cada país e seus desenhos variam bastante. Quase sempre, as cores também correspondem ao emblema nacional, embora limitadas pela tendência atual de reduzir ou eliminar totalmente o brilho das marcas nos aviões de combate. Em lugar delas aplicam-se, atualmente, tons pastel. Em situações de tensão ou de conflito aberto entre países, as insígnias são reduzidas em tamanho ou totalmente removidas, mas isso é recomendável apenas para o país que tenha superioridade aérea ou um eficiente sistema de identificação de amigo-ou-inimigo(IFF), pois, caso contrário, a ausência de insígnias pode levar o avião a ser abatido. Voltamos a uma situação semelhante a da Era Medieval.

Todas as marcas dos modernos aviões de combate têm uma função simbólica. Desta forma, também a Força Aérea Brasileira atingiu a sua maturidade heráldica, e aqueles que mergulharem em seus fatos históricos e tradições serão surpreendidos com brasões e escudos de uma sensível presença lógica, expressando significação do Homem na Força Aérea.

Os primeiros contatos com a Força Aérea Americana, através do 1º Grupo de Aviação de Caça, foram um marco original para a heráldica da Força Aérea Brasileira. Ali, os pilotos brasileiros foram impregnados pela misteriosa magia dos escudos coloridos, descobrindo que, através da forma caricaturizada dos escudos, podiam representar todas as tensões que os

comprimiam, da mesma maneira que as antigas tribos quando usavam imagens para afugentar os maus espíritos e os possíveis inimigos, exigindo-lhes o respeito.

Na medida em que houve afastamento de combate, também os escudos foram tomando novas formas e características, sendo novos emblemas criados e voltados para a intimidade das Organizações, assumindo a verdadeira função de refletir os fatos históricos e atos heróicos das Organizações Militares da nova Arma. Um Brasão de Armas será portanto a imagem pictórica da Organização. A imagem das Corporações deve ser refletida da forma heráldica mais expressiva e mais rica possível, buscando os símbolos mais significativos do brasonário pátrio. Só um conjunto harmonioso poderá representar os feitos de uma Organização Militar, embelezando as fachadas dos edifícios e as paradas militares. O Estandarte militar o representa em desfiles militares, recebimento de comendas e demais eventos de relevante importância.

Os emblemas são símbolos heráldicos com significado e tradição especiais para uma organização. Dentro desse tema, os emblemas das Organizações Militares focam numa visão heráldica os atributos mais significativos ou representativos das coisas e seres da natureza, formados pela insígnia de um brasão de armas para a missão daquela Unidade. Segundo Nascimento (2005), as forças militares têm emblemas que retratam desde o índio, flora e fauna brasileiras, bem como aspectos folclóricos e arquitetônicos do nosso país, todos mostrando a força do nosso povo, dos nossos militares e de suas Unidades, numa visão abrangente e surpreendente de suas cores, estilos e formas, delineando o anseio da tropa, como que exigindo pelos seus aspectos visuais, um respeito histórico da grande força pela simbologia nacional, estampada por meio dos símbolos heráldicos.

No campo dos escudos, podem ser apresentados símbolos ou atributos representativos do estado, município ou região onde estiver sediada a organização militar. Toda Organização Militar deve ser representada por um emblema, tendo por finalidade esta representação simbólica da missão, da história e dos fatos marcantes desta instituição.

Neste contexto, os estandartes são símbolos heráldicos, a exemplo das bandeiras, ou seja, uma bandeira de guerra, insígnia de uma corporação militar, com cores aplicadas sobre panos, geralmente confeccionados em tecidos ricos, a serem colocados em hastes e quando em posição de destaque ladeada por um grupo de soldados que formam sua guarda de honra. Todas as Organizações Militares possuem estandartes cujo emprego está previsto na legislação em vigor.

### 1.3 O ESTANDARTE COMO SÍMBOLO



IMAGEM 14 - Legião romana.

De acordo com Jung ( 2008 ), o símbolo é um mecanismo psíquico transformador de energia. Quando um sujeito vivencia um símbolo por sua objetivação, ele transforma essa realidade simbólica e transforma-se simultaneamente, possibilitando a passagem de energia de um nível a outro, pelo desenvolvimento da criatividade.

O mundo à nossa volta está repleto de símbolos, cujo significado se mantém ao longo dos séculos. Assim podemos dizer que existe uma fascinante linguagem sintética chamada simbologia. Com ela sabemos que a balança é o símbolo da justiça, o Sol representa vida, a água refere-se à purificação, e a cruz ao cristianismo. Bosi(2004) fala das parábolas de Jesus e seus elementos simbólicos (como o pão, luz, sal, fermento, semente de mostarda) transformando em referências universais a partir do enraizamento na cultura da época.

Segundo Edinger (1972), a palavra símbolo é originária do grego *symbolon*, cuja tradução aproximada, é aquilo que foi colocado junto. Um símbolo era a parte de um objeto que faltava e quando colocada junto da outra parte, recriava o objeto inteiro. A função do símbolo é representar a parte que falta do homem inteiro, colocando o homem em relação com sua totalidade.

As legiões romanas usavam estandartes próprios para indicar sua posição e, na China, as legiões dividiam-se em unidades, que eram identificadas por diferentes bandeiras coloridas.

Na Idade Média européia, o emprego de armaduras e de elmos para proteção obrigava os combatentes a se identificarem pelas cores das sobrevestes e dos escudos. Os regimentos do exército britânico, por sua vez, utilizavam um estandarte, conhecido como "as cores", que simbolizavam a alma do regimento, e no dia do combate localizava-se no centro da tropa. Sempre zelosamente guardado, onde ficava o estandarte, lá permanecia o regimento e, se necessário, o último homem deveria defendê-lo até à morte. Perder "as cores" para o inimigo

era a pior desonra que o regimento podia sofrer, pois eram o símbolo do regimento. Os símbolos são imagens que representam as idéias e os fenômenos da realidade.

Um dos usos mais atraentes de símbolos ocorre na Heráldica. Nela uma variedade de elementos como: plantas, animais, pessoas, seres mitológicos, formas geométricas, cores e inscrições, são reunidos num brasão ou numa bandeira, para representar uma família, uma empresa ou uma nação. Como já foi informado a prática da heráldica vem da Idade Média, para identificar cavaleiros em combates ou torneios. Logo se formou um sistema complicado, que teve de seguir normas escritas, postas em prática por arautos ou "heraldos" dos reis. Os cavaleiros e seus cavalos se vestiam suntuosamente para uma disputa em torneio. Os símbolos heráldicos apareciam no escudo, na armadura e no manto. O brasão servia para identificar o dignitário a cujo serviço o arauto se encontrava e suas roupas ostentavam as cores desse nobre.

No Brasil, as três forças armadas têm a tradição de expressar identidade, coesão e estabilidade social em meio a situações de transformação histórica. Isso é feito através do recurso à invenção de cerimônias e símbolos que evocam um passado muitas vezes ideal ou mitológico. Para Bosi (2004), uma tradição inventada pode ser aceita e assimilada por um círculo social, para ter eficácia e dar continuidade. Dar continuidade a uma trajetória que dá sentido, que tem uma raiz pela participação ativa de cada indivíduo na existência de uma coletividade, que conserva vivos a memória de um passado e certos pressentimentos do futuro. Para a autora, o enraizamento não se alimenta de imagens de um passado idealizado nem de um futuro utópico. E, sim, do criar e reviver tradições, idéias, valores, sentimentos, lembranças que dão identidade àquela classe e sentido à vida. Memória é a capacidade do indivíduo para registrar, conservar e identificar acontecimentos e impressões. Ela pode fazer reaparecer e reproduzir a imagem, pode reconhecer a imagem como pertencendo ao passado do sujeito que a recorda. A memória coletiva tem poder de difusão sustentando os fatos como forma de identificar um povo, demonstrando a necessidade de enraizamento, de vínculo com o passado para extrair a força para a sustentação de identidade.

Observando o comportamento humano desde os primórdios da cultura humana, verifica-se, na práxis do homem, ao longo dos séculos, uma necessidade intrínseca de viver em coletividade. Essa necessidade encontra-se vinculada à intenção de integração e pode ser observada através de vários comportamentos coletivos e rituais, dos quais destacaremos as festas temáticas. As festas foram e são até hoje importante modo de promover as relações

interpessoais. Nelas estão inseridas a música, a dança, a comida e a bebida. Uma exemplificação de festa com reflexo de integração é o carnaval carioca. “ Da multidão,

sobressai imensa quantidade de coreografias, fantasias e estandartes, sacudidos e agitados ao som do trovejar de fogos de artificios”<sup>9</sup>.

As comunidades do Rio de Janeiro são representadas pelos seus estandartes e sambanredos, como canais de expressão de enraizamento de um povo. A primeira escola de samba a apresentar seu porta-estandarte foi a Estação Primeira do Morro da Mangueira.



IMAGEM 15- Estandartes do carnaval carioca.

No campo da religiosidade os estandartes representam a fé. Como por exemplo, a folia dos reis. Para Amaral ( ibidem ), “o elemento fundamental do carnaval é o desfile, do mesmo modo que as procissões são caminhadas que transportam um objeto sagrado. Os deslocamentos conduzem a uma conscientização de todas as objetificações do mundo social, no que elas têm de arbitrário e perverso como no que têm de necessário”.



IMAGEM 16- Estandartes relig

<sup>9</sup> Segundo AMARAL, 2008 em <http://www.espiritualidades.com.br/> - Acessado em 29/10/2008.



As representações ou imagens coletivas da espécie humana e que designam conteúdos inconscientes primordiais, pelos quais as imagens são constituídas, dando uma expressão aos instintos são chamadas, pela Teoria da Psicologia Analítica de Jung, de Arquétipos. Símbolos e arquétipos estão deste modo representados no estandarte transportado em uma linguagem não-verbal.

## CAPÍTULO II

### O ESTANDARTE EM ARTETERAPIA

#### 2.1 CONTRIBUÇÕES DA ARTETERAPIA EM PROCESSOS DE ESQUECIMENTO DA IDENTIDADE

(...)O capitalismo avançado consome e desagrega valores conquistados pela práxis coletiva. Não é capaz de inserir o passado no presente e muito menos de resguardar sonhos para o futuro. Esvaziando o trabalho de significação humana, ele esvazia o sentido das lembranças e aspirações.

ECLEA BOSI

Quando um povoado perde suas raízes, vai se deteriorando, os dias vão se passando e não se vive. Com o mundo Pós-Moderno, a moda é transitória, os objetos passaram de biográficos para signos de *status*, os eletrodomésticos são praticamente descartáveis, o certo e o errado não existem mais, transformando a geração do século XXI em uma geração sem valores, sem tradições familiares, sem costumes, sem identidade. Pais têm desistido de transmitir aos filhos o que receberam de seus ancestrais no convívio familiar, perdendo os seus vínculos com o passado, arrancando as suas raízes.

Existe um número mais ou menos grande de pessoas para as quais o desenvolvimento da individualidade é uma exigência primordial, especialmente em uma época cultural como a nossa, que se banalizou por uma mentalidade coletiva e onde são praticamente os meios de comunicação que dominam o mundo (JUNG, 2008, p.67).

De acordo com Bosi (2004), o esquecimento adoece e é letal. O meio urbano facilita o afastamento das pessoas e promove a falta dos companheiros que sustentavam as lembranças. A sociedade industrial dobrou o tempo a seu favor, diminuindo o da amizade, da prática religiosa, da vida em família e promoveu o comportamento competitivo, favorecendo o individualismo. O tempo social engole o individual. A especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento, provocando um sentimento de estar perdido num mundo vazio e monótono. O indivíduo, ao esquecer, perde a identidade, e a memória conserva o pensamento.

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua

participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro (Ibidem, p.175).

O que causa o desenraizamento, destruindo raízes e morte com a supressão de tradições para Bosi (2004), é a conquista colonial, segregação da classe trabalhadora, migração, trabalho operário, produção em série, desemprego, a empresa imobiliária que rege o destino desperando centenas de pessoas, capitalismo, o trabalho por dinheiro e não pelo prazer, a dominação econômica de uma região sobre a outra, como os bairros da periferia, despojando o homem da terra de sua própria humanidade. Acrescenta que entre os mais fortes motivos desenraizadores estão a separação entre a formação pessoal, biográfica e a natureza da tarefa, entre a vida no trabalho e a vida familiar, de vizinhança e cidadania.

Na busca do significado que transcende a biografia, do *ser no mundo*, o sujeito resgata a memória do seu passado através do mapa afetivo de experiências do tempo, do espaço, do trabalho, do convívio com o coletivo e, com isto, se organiza, pois a memória é um instrumento organizador. Este percurso nem sempre mostra-se fácil de ser alcançado e os indivíduos em sua grande maioria, não sabem como resgatar o contato com o seu passado; e um sentimento permeado pelo medo do que possa encontrar por lá, leva-os ao completo desespero de ir para o “desconhecido” sem o suporte de que necessitam. Porém, ir ao encontro ou re-encontro com as raízes poderá ser vitalizador. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às relações temporais, às evoluções e às relações entre as coisas” (Bosi, 2004, p.16).

Neste contexto, a Arteterapia corporificada na pessoa do arteterapeuta, oferece a contribuição no contexto clínico, para possibilidades de amenizar um dos males emocionais, o esquecimento, através dos processos criativos e expressivos. E dentre eles neste estudo, considerando que darei ênfase a atividade de construção do estandarte, baseando investigar e avaliar suas contribuições terapêuticas.

Arteterapia é uma profissão da saúde mental que utiliza o processo criativo da arte a fazer para melhorar e reforçar o desenvolvimento físico, mental e emocional, o bem-estar dos indivíduos de todas as idades. Baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na auto-expressão artística ajuda as pessoas a resolver conflitos e problemas, desenvolver habilidades interpessoais, gerenciar comportamento, reduzir o stress, aumentar a auto-estima e auto-consciência, e obter insights. Arteterapia integra os domínios do desenvolvimento humano, artes visuais (desenho, pintura, escultura, arte e outras formas), e do processo criativo com modelos de aconselhamento e psicoterapia. Arteterapia é utilizada com crianças, adolescentes, adultos, idosos, grupos e famílias para avaliar e tratar os seguintes: ansiedade, depressão e outros problemas mentais e emocionais e transtornos;

toxicodependência e outras dependências; relacionamento familiar e questões; abuso e violência doméstica; dificuldades sociais e emocionais relacionados com a deficiência e doença; traumas e perdas; físico, cognitivo e problemas neurológicos e psicossociais dificuldades relacionadas à doença. Arteterapia programas encontram-se em um número de configurações, incluindo hospitais, clínicas, públicos e comunitários, *wellness centers*, instituições de ensino, empresas privadas e práticas. Arte terapeutas são mestres nível profissionais que possuam um diploma em arte terapia ou uma área relacionada. Requisitos educacionais incluem: teorias da arte terapia, aconselhamento e psicoterapia; ética e normas de conduta, avaliação e avaliação; indivíduo, grupo, família e técnicas; humanos e desenvolvimento criativo; questões multiculturais; métodos de investigação e experiências na prática clínica, a comunidade, e / ou outras configurações. Arte terapeutas são capacitados para a aplicação de uma variedade de modalidades arte (desenho, pintura, escultura, e outros meios de comunicação) para avaliação e tratamento (Associação Americana de Arteterapia, AATA, 2009)<sup>10</sup>.

Pode-se supor que um estandarte represente presenças simbólicas e vínculos de um grupo. Assim, o individual mescla-se com o coletivo, pois não somos de todo individuais, e nem de todo coletivos, a substância de uma memória compõe-se de aspectos familiares, políticos, sociais e do trabalho, do grupo de origem de um indivíduo. A memória pessoal está mesclada, como registra Bosi (2004) ao escrever:

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permeiar as consciências individuais (Bosi, 2004 ,p.21).

Segundo a mesma autora, estimular a memória de alguém é antes de tudo um trabalho de campo. Pesquisar fontes coletivas que permeiam a época que esta pessoa vivenciou, definindo como um fio condutor os principais marcos. É instrumentalizar, para lembrar os ritos de passagem importantes para esta pessoa em questão, ou seja, não apenas relembrar imagens passadas, mas proporcionar o rejuvenescer e o reviver, resgatando possibilidades criativas. Fortalecendo esta idéia, Philippini afirma:

o processo Arteterapêutico permite que simbolicamente e de forma perene, através das atividades expressivas diversas, sejam retratadas com precisão as sutis transformações que marcam o desenrolar da existência, documentando os seus contínuos movimentos do vir a ser, que configuram-se e materializam conflitos e afetos. Ou seja o conjunto de atos que genericamente pode-se nomear por “fazer terapêutico” expressa a singularidade e identidade criativa de cada um. A descoberta gradual, de eventos psíquicos cujo significado antes era obscuro, amplia possibilidades de estruturação da personalidade, ativa potencialidades e contribui para a construção de modo mais harmônicos de comunicação, interação e **Estar no mundo**(PHILIPPINI, 2008, p.16).

## 2.2 CRIANDO ESTANDARTES COM PACIENTES ESQUECIDOS

No contexto deste estudo as alterações de memória serão chamadas genericamente de “*pacientes esquecidos*”. Em relação a eles, a percepção do arteterapeuta e os dados colhidos na *anamnese*<sup>11</sup> serão o fio condutor para viabilizar a expressão no processo de criação, considerando a singularidade e histórico de vida de cada indivíduo. Ao recordador é permitido a liberdade de encadear e compor, os momentos de seu passado.

A abordagem junguiana afirma que, durante o processo de individuação, é elementar ao homem a necessidade interna ou externa de representações simbólicas.

Individuação significa tornar-se um ser único, homogêneo na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo. Pode-se traduzir individuação como tornar-se a si mesmo, ou realização do si mesmo (QUINTANILHA, 2006, p.6).

Jung (2008) acrescenta que em nossa natureza psíquica só uma pequena parte de energia total pode ser desviada de seu curso natural. E segue afirmando que:

a transformação da energia por meio do símbolo é um processo que vem se realizando desde os inícios da humanidade, e ainda continua. Os símbolos nunca foram inventados conscientemente; foram produzidos sempre pelo inconsciente pela via da chamada revelação ou intuição (p.).

O arteterapeuta é o agente facilitador entre o cliente e a materialidade, fornecendo suportes adequados para que a energia psíquica flua livremente através de símbolos. Como afirma Philippini, ao dizer que

no processo arteterapêutico, os materiais expressivos, a adequação do *setting* e o acolhimento do arteterapeuta permitem que a energia psíquica traduza-se em concretude através das produções expressivas diversas e, a cada transformação dos materiais, analogicamente aconteçam transformações no nível psíquico (PHILIPPINI, 2008, p.20).

O arteterapeuta, enraizado em seu ofício, facilita ao seu paciente a liberdade de encadear o seu passado e refletir sobre o devir, tempo que flui, o vir a ser, proporcionando a vivência, através da materialidade, na construção de um ser mais saudável, auxiliando no processo de individuação de forma mais organizada.

---

<sup>11</sup>Primeira entrevista com um paciente para investigar seu histórico e queixa principal. Nota da autora.

Existem, também, momentos em que é necessário tornar-se um expectador, para conduzir o participante ao caminho, promovendo o ser ativo do paciente, ajudando-o a ter um encontro com seus sentimentos. Souza (2005)<sup>12</sup> cita a afirmação de Ignácio:

o indivíduo é agente de sua própria cura. Ao ver refletido em seus produtos, o seu interior, o paciente vai pouco a pouco, materializando medos, traumas, complexos, enxergando-os, focando-os, preparando-se para a progressiva diminuição da sombra<sup>13</sup>. Suas imagens conflitivas e traumáticas vão sendo elaboradas, deixando de ser obstáculos no caminho da evolução (p. 6).

Para a concepção de Jung, os princípios organizadores que operam na psique e no universo explicam que existe uma energia comum que atua sobre o indivíduo e na sociedade como um todo: os arquétipos. Silveira(2007) confirma este conceito ao dizer que “arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma”.

O arteterapeuta é representado pelo arquétipo de curador ferido. Freud dizia que ele era o seu paciente mais difícil. Segundo Downing (1999), para o terapeuta desenvolver o papel de curador os pré-requisitos é ter sofrido, adoecido e ter sido ferido conforme aparece nos mitos e tradições rituais do mundo inteiro (inconsciente coletivo).<sup>14</sup>

Em a *Psicologia da transferência* Jung acredita que nos relacionamentos dolorosos os terapeutas se envolvem num processo de transformação que pode ser difícil, confuso. Uma terapia eficaz depende da disponibilidade do terapeuta para se arriscar a estes padecimentos e transformações gerados pelo processo, e para transmitir essa disponibilidade.

O inconsciente do terapeuta é penetrado pela dor do paciente e o terapeuta torna-se psiquicamente contaminado pelas projeções a que está exposto. Assim, quem cura está ferido outra vez por absorver a doença do outro. O arteterapeuta serve como um modelo de pessoa curada. Isso constela o arquétipo do curador ferido no inconsciente do paciente, e este, é quem

---

12 SOUZA, Virginia Maria Castilho Ribeiro de, Universidade Cândido Mendes, Oficinas de artes e linguagens dos materiais - módulo I, Rio de Janeiro, 2005, p.6.

13 A sombra não é o lado oposto da consciência, mas representa o que falta a cada personalidade consciente. Portillo, Vanilde Gerolim (2001). Jung e os conceitos básicos da Psicologia Analítica em <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos> -Acessado em 21/01/2009.

14 Portillo, Vanilde Gerolim (2001). Jung e os conceitos básicos da Psicologia Analítica em <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos> Jung, ao observar as múltiplas culturas verificou que manifestavam temas similares como medos e crenças através dos símbolos, definiu tal fato como inconsciente coletivo. Para o autor, os símbolos são idéias religiosas, ritos, cerimônias, mitos, imagem onírica, manifestações e expressões do excedente da libido. a camada mais profunda da psique e constitui-se dos materiais que foram herdados da humanidade, comuns a todos os seres humanos. É nessa camada do inconsciente que todos os humanos são iguais -Acessado em 21/01/2009.

na verdade produz a própria cura. Conforme diz Steinberg(1999) “ o paciente tem um curador dentro de si, mas também quem cura está ferido”(p 31). E também como a citação em Downing (1999) que “só o curador ferido cura (...) Curar costuma implicar um ferimento”(p.233).

### 2.3 O ESTANDARTE COMO MODALIDADE EXPRESSIVA EM ARTETERAPIA

Em qualquer país do mundo, o homem simples do povo tem maneiras próprias de pensar, sentir e agir; e na área da expressão plástica sabe criar e fazer, tem sua arte, que possui as marcas da sua cultura, das suas raízes, da sua origem e que representa seu patrimônio cultural.

Amélia Zaluar

O estandarte como uma das modalidades expressivas em Arteterapia auxilia na configuração de campos simbólicos. Sua confecção pode proporcionar uma seleção de imagens que remeta a um passado cheio de ritos e marcos do mapa psíquico, tirando a força para a reprodução da identidade. “A trajetória da individuação é registrada através de símbolos diversos, que ao longo dos ciclos vitais, manifestam-se em múltiplas possibilidades expressivas ”( PHILIPPINI, 2008, p.19 ).

O estandarte é um provável potencializador do processo de individuação na medida que possa ser utilizado pelo arteterapeuta, com função simbólica de representação dos valores da coletividade e da subjetividade, originando sentimentos de pertencimento, expondo a singularidade e distinguindo alguém em sua comunidade. Assim o arteterapeuta pode convidar indivíduos a confeccionar seus estandartes, representando valores, ritos de passagem, sua biografia de um modo geral ou uma parte. dela. Esta atividade de construção poderá ser fortalecedora da autonomia pois como nos ensina Philippini:

o símbolo tem uma função integradora e reveladora do eixo de si mesmo (eixo ego-self) entre o que é desconhecido-inconsciente individual e coletivo e a consciência. O símbolo aglutina e corporifica a energia psíquica, permitindo ao indivíduo entrar em contato com níveis mais profundos e desconhecidos do seu próprio ser e crescer com estas descobertas. O símbolo constelado com a ajuda dos materiais expressivos dinamiza e facilita a estruturação e transformação dos estados emocionais que lhe deram origem ( PHILIPPINI, 2008, p.20 ).

Segundo Jung (apud Silveira,2007, p.71), “um símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante , inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória”. A autora acrescenta ainda que uma parte do símbolo é acessível a razão mas a outra pertence ao inconsciente.

Neste contexto, o estandarte em Arteterapia representa alguém, identifica, distingue, reflete uma idéia ou pensamento; promove o descarregar das tensões (catártico)<sup>15</sup>, permite reflexão do auto-conhecimento (eu interior), constela dados da realidade, proporciona liberdade criativa; expressa identidade, enraizamento, pertencimento, memória. Indica posição e organização. É um simbolismo de força, remetendo ao arquétipo do guerreiro - a partir do momento, em que alguém é representado, pois o ser humano luta pela vida desde o nascer, proporcionando expressões simbólicas significativas.

O estandarte é um instrumento em Arteterapia para estimular a criatividade e a memória de “*indivíduos esquecidos*”. Na tentativa de se expressar, durante a confecção do estandarte suponho que poderá favorecer a reconstrução da identidade por meio do contato com suas origens, facilitado pelo fazer criativo na construção do estandarte. O símbolo vem a tona, ancorar-se neste mar de representações. Silveira(2007), diz que a psique (inconsciente) é comparada com um vasto oceano no qual emerge uma pequena ilha (consciente) e o estandarte auxilia nesta tarefa.

Este fenômeno pode ser observado no que aconteceu com o paciente considerado esquizofrênico paranóide, Arthur Bispo do Rosário(1911-1989), internado durante 50 anos no hospital psiquiátrico, Colônia Juliano Moreira- Rio de Janeiro, em seu surto. Nele, diz ter recebido a missão de recriar o universo para **representar** a Deus no dia do Juízo Final. A este respeito nos conta Faria que:

Bispo começa a focalizar a produção criativa como recurso de sobrevivência do mundo psíquico, conseguindo sobrepujar o isolamento, a reclusão e ser transposta para o exterior e explicitada na ação (...) Delírios, crenças, temores e paixões eram transformadas em estandartes, mantos e bordados. Como todo ser simbólico, Bispo tecia por fios e teias o consciente e o inconsciente (...) Trancafiado numa cela do hospital criou um mundo novo com fios retirados de seu uniforme de interno, ele bordava panos e velhos lençóis transformando-os em mantos e estandartes (FARIA, 2004)<sup>16</sup>.

---

15 Método de tratamento que visa obter uma descarga emocional associada à lembrança de acontecimentos traumáticos aos quais estariam associados sintomas diversos. In: Dicionário da Língua Portuguesa.. São Paulo: Nova Cultural,1992,p.197.

16 Faria, Fabiana Mortosa. Arthur Bispo do Rosário e seu mundo representativo..<http://www.uem.br>- Acessado em 07/11/2008.



Esta multiplicidade de manifestações, foi a forma que Bispo encontrou para expressar imagens e códigos do inconsciente, através de sua inesgotável criação, linguagem poética e delirante. Ratificando este olhar sobre o processo coletivo encontra-se os escritos de Jung:

sob a forma abstrata, os símbolos são idéias religiosas; sob a forma de ação, são ritos ou cerimônias. São manifestações e expressões do excedente da libido. Constituem, ao mesmo tempo, degraus que levam a novas atividades que, especificamente, devemos chamar de culturais, para distinguí-las das funções instintivas que seguem seu curso regular, de acordo com as leis da natureza ( JUNG, 2008, p 56).

Através de sua ferramenta de trabalho, seja a confecção de estandartes ou o ato de transformar objetos, Bispo deixou seus rastros e recados para o mundo. Não como um artista contemporâneo como Duchamp<sup>17</sup>, mas apenas por necessidade de expressar seus conflitos, valores, idéias. Permitiu a fluidez e forma, materializando a sua criatividade no que realmente acreditava. O estandarte promoveu nele o estímulo à memória retrógrada, pois em um de seus estandartes apresenta desenhos de navios, com nomes de pessoas e associações com posto e graduação de bordo - haja visto que Bispo fora da Marinha Mercante. Com ousadia, deixo a hipótese que Bispo resgatou suas raízes sergipanas, ao analisar o fato de sua habilidade manual em tecer e bordar os seus estandartes, tal como os seus conterrâneos.



IMAGEM 17 - Estandarte do Artur Bispo do Rosário.

<sup>17</sup>Artista contemporâneo (1889-1968) que atribuiu valor artístico a um objeto pelo seu simples deslocamento ao campo da arte e decretou a possibilidade de transformação de qualquer coisa em arte. In: <http://www.ebprio.com.br> – Acessado em 21/01/2009.

Acredito que o estandarte promoveu a *catarsis* de tensões de Bispo, pois conseguiu amenizar a vida em uma instituição nos moldes ortodoxos da psiquiatria antes da Reforma, do Projeto Lei Paulo Delgado<sup>18</sup>, recusando-se a receber tratamentos medicamentosos e dela retirando subsídios para suas confecções.



IMAGEM 18 – Estandarte do Bispo.

Bispo não foi o único a representar uma parte de sua identidade através do estandarte no Rio de Janeiro. José da Trino, conhecido como Profeta Gentileza<sup>19</sup> (1917-1996) circulou pela cidade por mais de vinte anos, com sua bata branca cheia de apliques e portando um estandarte, proclamando sem cansar: “ *Gentileza gera gentileza. Só com gentileza superamos a violência que se deriva do capeta-capital*”.

Sua trajetória como o Profeta Gentileza começou em 17/12/1961, na Cidade de Niterói, quando o Gran Circus Norte-Americano incendiou-se, morrendo mais de 500 pessoas, a maioria, crianças. Na antevéspera do Natal, seis dias após a tragédia, José acordou alegando ter ouvido “vozes astrais”, segundo suas próprias palavras, que o mandavam abandonar o mundo material e se dedicar apenas ao mundo espiritual. Pegou um de seus caminhões e foi para o local do incêndio. Plantou jardim e horta sobre as cinzas do circo, difundindo as palavras Agradecido e Gentileza. Voluntário, confortou os familiares das vítimas da tragédia. Daquele dia

25

---

18 A Lei Federal 10.216 redireciona a assistência em saúde mental, privilegiando o oferecimento de tratamento em serviços de base comunitária, dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais, mas não institui mecanismos claros para a progressiva extinção dos manicômios.

19 pt..wikipedia.org -Acessado em 02/02/2009.

em diante, passou a se chamar José Agradecido, ou simplesmente Profeta Gentileza<sup>20</sup>.

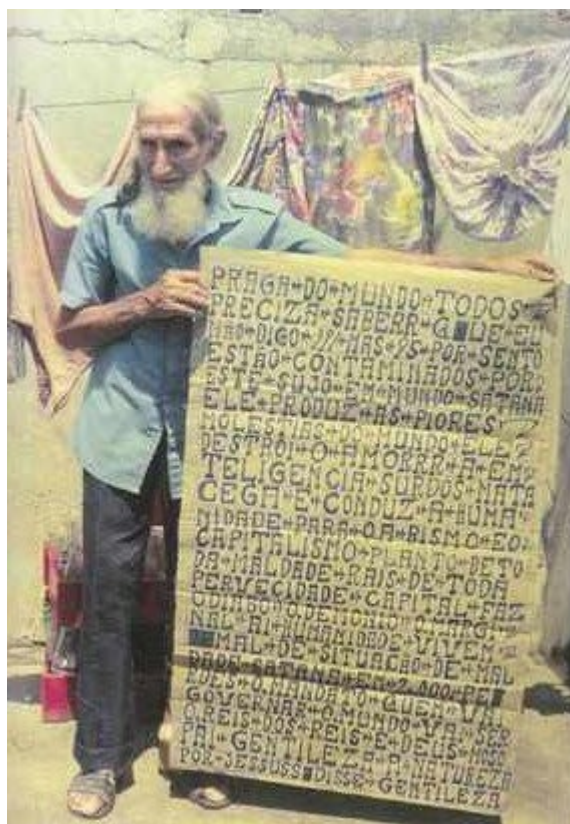


IMAGEM 19 - Profeta Gentileza e seu estandarte.

O processo criativo de Gentileza viabilizou outros recursos expressivos para possibilitar a maior comunicação de sentimentos e sensações com palavras concretizadas em expressões, transformando-as em idéias. Inscreveu seus ensinamentos em mais de cinquenta pilastras do viaduto do Caju, numa extensão de aproximadamente um quilômetro e meio, amplificando o seu canal de expressão. A este respeito encontramos apoio na afirmação:

a amplificação simbólica tem o propósito de aumentar a possibilidade de compreensão do significado de um símbolo. No processo arteterapêutico, abrangerá um conjunto de procedimentos expressivos e plásticos, cuja meta é facilitar a apreensão do símbolo pela consciência. Este conjunto de estratégias poderá compreender a utilização de uma multiplicidade de modalidades expressivas, ou às vezes, o aprofundamento de uma só modalidade, que vai intensificando à medida que o cliente consegue explorar com mais facilidade suas possibilidades expressivas através deste determinado material plástico ( PHILIPPINI, 2008, p.23 ).

<sup>20</sup><http://www.biakushnir.wordpress.com>-Acessado em 14/02/2009.

Deste modo, podemos supor então que, de forma autônoma e espontânea, ambos, Bispo do Rosário e o profeta gentileza “*amplificaram*” suas produções na busca de uma egressão mais profunda.



Imagem 20 - A amplificação do estandarte do Profeta Gentileza. Suas inscrições em verde-amarelo propunham sua crítica do mundo e sua alternativa ao mal-estar da civilização.

Sincronicidade ou não, ambos se entregaram à liberdade criativa proporcionada pelo estandarte como propagação da auto-expressão. Apoiando-se no modelo teórico junguiano, podemos supor que foram coincidências significativas determinadas pelo universo instintual ou arquétipos. É o inconsciente coletivo gerando eventos de sincronicidade.

#### 2.4 MATERIALIDADE DO ESTANDARTE EM ARTETERAPIA

O estandarte <sup>21</sup>consiste em um pedaço de pano de tecido quadrado, retangular, losango etc, pendente de uma haste no que bordam ou sobrepõem símbolos os quais pertencem. O

<sup>21</sup> <http://www.heraldica.org/topics/national/portugal-municipal.htm>-Acessado em 08/11/2008.

estandarte em Arteterapia é utilizado para “*estender a arte*”, amplificando o símbolo, canal de expressão e comunicação de representações que possibilita a liberação de energias psíquicas transformando-as em códigos que representam a idéia do indivíduo ou de um grupo, neste caso incluindo o significado do coletivo. O símbolo deste modo terá um lugar para ser manifesto, ser inserido em uma estrutura para ser fixado, objetivando ser pendurado ou carregado por alguém.

Quando empregada num processo terapêutico, a arte é vista como um elemento capaz de produzir mudanças intra e interpessoais. Criando novas formas o paciente busca transformar a sua vida e suas relações com os outros...ampliando a consciência e a liberdade de quem produz. Partindo de um brincar com os materiais, descompromissado e lúdico, o paciente na arteterapia pode experimentar, como a criança, as novas possibilidades de uma relação progressivamente mais madura e criativa com os materiais expressivos, consigo mesmo e com os outros ( SANTOS, 1997, p.57).

May (apud Santos,1997) cita que a criatividade só existe no fazer, caracterizando-se pela percepção e por um nível mais elevado de consciência.O autor acrescenta que a arte envolve experimentação, conhecimento das formas e materiais, envolve esforço, sucessos e fracassos, alegrias e sofrimentos, aprendizado e crescimento.

Desta forma, o estandarte em Arteterapia poderá ser confeccionado livremente, de acordo com o ato criativo do sujeito, apropriando-se da materialidade que deseja como TNT, panos crus, chita, tecidos finos ou cetim... O mastro pode ser em madeira, o suporte para pendurar pode ser feito de barbantes etc. O símbolo pode ser desenhado, pintado, bordado, colado por imagens pré-confeccionadas, esculpido na madeira e Fitas, franjas também fazem parte da estrutura.

Pain, Sara; Jarreau, Gladys apud Associação Mineira de Arteterapia (2006) falam sobre a materialidade e o que ela representa simbolicamente. Afirmam que o bordado representa símbolos com agulhas e fios permitindo "pegar o fio da meada" e dar continuidade a uma idéia ou sentimento. Fazer o nó e passar o fio ponto por ponto firma internamente o propósito. O bordado tem também a vantagem de poder ser feito e desfeito, auxiliando nos processos de permissão de desconstrução e correção de rota. Neste mesmo contexto, de acordo com Quintanilha (2006), a tecelagem é uma atividade que facilita a ordenação interna e sua estruturação, alinhavando memórias e sentimentos. Muito apropriada para momentos para a reconciliação interna e externa.

A forma do desenho em Arteterapia ocorre livremente sem preocupações estéticas. Pode ser feito com lápis, canetas hidrográficas, pincel atômico, giz de cera, pastel oleoso ou



seco, carvão, tinta nanquim e pedaços de tijolo, permitindo experimentos sensoriais. Conforme detalha Quintanilha em sua explicação sobre esta modalidade expressiva:

a atividade do desenho pode ser indicada como uma prática de expressão do sentimento e no auxílio para estabelecer a auto-identidade. Pode ser considerada como uma atividade estruturadora e ordenadora do ser si mesmo(...) Através da fluência do instrumento do desenho, a pessoa vai estabelecendo um contato entre o seu interior e a figura que vai surgindo, despertando, reconhecendo e expressando o sentimento, redescobrando o seu próprio ser (QUINTANILHA, 2006, P.21).

A associação Mineira de Arteterapia (AMART)<sup>22</sup> informa a opinião de Cristo e Silva<sup>23</sup> sobre a pintura como um dos caminhos mais interessantes para organizar e transformar sentimentos. Reforçando este ponto de vista de PAÏN, Sara; JARREAU, Gladys(1996) sobre o mesmo tema:

pintura (com guache, aquarela, ecoline, pigmento líquido, cola com pigmento líquido, pigmentos naturais, nanquim). A forma está ligada ao movimento enquanto a cor é somente sensação. A forma apela à abstração, ao reconhecimento do objeto, enquanto a cor provoca a sensibilidade e a intuição. A forma evoca o gesto, a cor traduz a emoção.

Sobre este mesmo assunto Quintanilha (2006) diz que

a pintura em Arteterapia é uma expressão que se manifesta através dos tons de cores empregados e combinados, dos traços, texturas, no ritmo do movimento das mãos, nas formas e figuras adquiridas, nas disposições espaciais ocupadas no papel ou demais suportes .

A colagem é uma técnica criativa, que tem por procedimento juntar na mesma superfície duas ou mais imagens. Esta modalidade expressiva facilita a organização do pensamento e o estado de concentração e Baptista<sup>24</sup>ratifica quando afirma que

colagem (de papéis diversos rasgados / cortados, tecidos e materiais orgânicos e outros). A colagem é uma atividade multiplicadora. Quando se trabalha com figuras previamente recortadas entra-se em contato com uma infinidade de símbolos muitas vezes sem consciência do seu significado. Colar é ligar uma coisa com a outra. Estabelece um vínculo.

Neste processo de colar, desenhar, pintar, bordar, escrever ou esculpir as imagens para o estandarte, de cunho biográfico, momentos e espaços privilegiados vem à consciência, amparando a nossa identidade, percepção e memória, onde se concentra a nossa significação

---

22 In: <http://www.amart.com.br>-Acessado em 11/10/2008.

23 CRISTO, Edna; SILVA, Graça Maria Dias da. **Criatividade em Arteterapia**: pintando e desenhando. Rio de Janeiro: SENAI,2002.

24 BAPTISTA, Ana Luisa. In: Círculo psico-orgânico e ciclos arquetípicos na arte terapia. Imagens da Transformação No. 9, 2002.

da vida. E Bosi (2004) nos lembra sobre este tema que “Quem trabalha com suas mãos refletindo sobre sua obra, aprende que está lutando com forças em tensão, desafiando resistências da matéria”(p.214).

## CAPÍTULO III

### CASOS CLÍNICOS

Neste Capítulo será descrito o trabalho prático em Arteterapia na Organização Militar Policlínica Naval de São Pedro da Aldeia pertencente à Marinha do Brasil, localizada na Rua Comandante Ituriel s/nº no Bairro Fluminense, CEP 28940-000, Cidade de São Pedro da Aldeia, Estado do Rio de Janeiro.

#### 3.1 O GRUPO

A Arteterapia chegou à Instituição através da Terapeuta Ocupacional vinculada a Marinha e aluna do Curso de Pós-graduação *Latu Sensu*, ministrado pelo convênio Clínica POMAR e ISEPE.

O projeto de atendimento implantado foi criado para cumprir a função de estágio supervisionado, com carga horária obrigatória, e por verificar demanda na instituição. Os atendimentos foram realizados em grupo, composto por seis pessoas, sendo cinco mulheres e um homem, com idade entre 55 a 72 anos.

Estes clientes são acompanhados individualmente pelo Serviço de Cardiologia, Nutrição e Fisioterapia. A maioria são Portadores de Demência de Leve a Moderada, apresentando de uma a três patologias, em uso de medicação contínua.

A Demência<sup>25</sup> é um conjunto de alterações que ocorrem no cérebro e modificam o funcionamento das nossas capacidades intelectuais. As principais causas dentro do grupo do Processo Demencial são: alterações vasculares e pessoas deprimidas apresentando dificuldades de memória e outras alterações causando um quadro semelhante ao Processo Demencial, tendo patologias de base as cardiovasculares e osteoarticulares.

---

25 Existem três estágios no processo demencial: leve, moderado e severo. No estágio leve o indivíduo percebe que algo de errado está acontecendo e tenta esconder as suas dificuldades, dissimulando suas atitudes. No segundo estágio, ele tem a memória remota preservada e a recente prejudicada, fica desorientado no tempo e no espaço, atitudes infantis fazem parte de seu comportamento. In: CASA GERONTOLÓGICA DE AERONÁUTICA BRIGADEIRO EDUARDO GOMES. **O desafio multidisciplinar: um modelo de longa permanência para idosos**. São Paulo: Yendi, 2006.



O atendimento prestado ocorreu uma vez por semana com duração em média de duas horas e trinta minutos. Nesse espaço a estagiária de Arteterapia criou um ambiente descontraído e incentivador, com uma proposta inovadora, apresentando modalidades expressivas para a produção de imagens.

Na fase inicial de implantação do atendimento em grupo, foram feitas entrevistas com a clientela e avaliações de cunho individual, quanto à verificação da independência nas atividades cotidianas.

Através de Testes padronizados de Avaliação de Atividades de Vida Diária<sup>26</sup> (AVD`S de Katz-1970) e Avaliação de Atividades Instrumentais de Vida Diária<sup>27</sup> (AIVD`S de Lawton-1940) foi verificado que os pacientes são mais prejudicados em AIVD`S por envolver mais a área cognitiva do que a motora. Nas atividades de Vida Diária eles são mais independentes porque as atividades englobadas envolvem mais o sistema motor.

O grupo tem graus de comprometimentos variados e classificados por grau de dependência (de leve a moderada) e de independência, sendo que as limitações sensório-motoras são indicadas pela dificuldade para executar atividades cotidianas.

Uma das pacientes tem histórico de lesão após Acidente Vascular Cerebral <sup>28</sup>(AVC), acarretando em uma Hemiplegia do Dimído Direito<sup>29</sup> com prejuízo físico, fazendo uso de cadeira de rodas há dois anos. Já a lesão após AVC do único paciente do sexo masculino foram a afasia<sup>30</sup>e prejuízos na memória (recente prejudicada e a memória remota preservada). Porém suas atividades motoras foram preservadas. A sintomatologia dos demais é o quadro de depressão leve<sup>31</sup>, apresentando déficits cognitivos.

---

26 O termo AVD está geralmente restrito às tarefas que envolvem a mobilidade funcional e os cuidados pessoais. A mobilidade por deambulação ou em cadeiras de rodas, as transferências, alimentação, higiene, hábitos higiênicos no toalete, tomar banho e vestir-se são tipicamente cobertos em AVD. In: WILLARD E SPACKMAN. **Terapia Ocupacional**. 9ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

27 Termo aplicado às tarefas necessárias para a vida independente. Inclui o uso do telefone, fazer compras, preparação de alimentos, arrumação da casa, controle de medicamentos, controle financeiro e conhecer a própria comunidade. In: WILLARD E SPACKMAN. **Terapia Ocupacional**. 9ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

28 Caracterizado pela perda rápida de função neurológica, decorrente do entupimento ou rompimento de vasos sanguíneos cerebrais. É uma doença de início súbito, que pode ocorrer por dois motivos: isquemia ou hemorragia. In: <http://www.wikipedia.com.br>-Acessado em 08/11/2008.

29 É uma paralisia de toda uma metade do corpo. Neste caso, o lado direito do corpo. Nota da autora.

30 A afasia é uma deterioração da função da linguagem, depois de ter sido adquirida de maneira normal e sem déficit intelectual correlativo. Caracteriza-se por dificuldade de nomear pessoas e objetos. In: <http://www.wikipedia.com.br>-Acessado em 08/11/2008.

31 Considerada um estado mórbido, em que a mente ou o humor se encontra abaixo do nível ótimo do indivíduo. In: <http://www.wikipedia.com.br>-Acessado em 08/11/2008.

Ao mesmo tempo em que os pacientes apresentavam um sentimento de agregação com a instituição, o vínculo foi se estabelecendo com a facilitadora do processo arteterapêutico como um fio condutor para desdobramento dos bloqueios apresentados nas histórias de vida.

Inicialmente o grupo apresentou dificuldades em concentrar-se em suas atividades de forma silenciosa, querendo verbalizar na hora do fazer propriamente dito, e alguns componentes sentindo dificuldade para verbalizar quanto à imagem produzida.

O grupo comunicou-se e conseguiu estabelecer o vínculo de confiança. Conforme as sessões aconteciam, mais verbalizavam sobre suas questões, interferindo na fala do outro de forma participativa, de maneira a ajudar nas demandas trazidas.

Durante o processo de desmistificar o conceito de obrigatoriedade quanto à produção de beleza para demonstrar um pseudo bem-estar para outros, o grupo passou por dois contrapontos: o artesão que cria beleza como um produto final esteticamente aceito apresentou dificuldades em criar, ou seja, o seu produto ser apenas resultado da expressão dos sentimentos e nem sempre os sentimentos são belos. O outro contraponto foi estimular a criatividade como fator inerente ao ser humano gerando necessidades biológicas de bem-estar e satisfação.

A psicologia analítica não pretende nunca opinar sobre o valor estético das obras de arte nem explicar o fenômeno arte. Essas áreas pertencem aos críticos de arte... Sua contribuição maior será a decifração das imagens simbólicas que tomam forma na obra de arte, trazendo luz sobre as significações que encerram e que excedem as possibilidades comuns de compreensão da época em que adquiram vida. (SILVEIRA, 2007, p. 137)

Assim como a psicologia analítica, a Arteterapia parte deste mesmo pressuposto. A questão psicodinâmica central é o esquecimento como resposta a fatores emocionais, desconsiderando a presença ou não de lesão, pois a memória é a lembrança de algo vivenciado e aprendido. Se tais lembranças levam a sentimentos de solidão, de desvalia e descuido é preferível esquecer, porém a sua ausência ou diminuição desorganiza as áreas do desempenho ocupacional, tais como Atividades de Vida Diária, Prática e do Lazer.<sup>32</sup>

A Arteterapia apresenta como foco principal auxiliar esta clientela no enfrentamento dessa nova etapa da vida. Oferecendo a possibilidade de construir um novo cotidiano, de sujeito que sofre a ação para sujeito desejante e que ativa a ação. Concretizando o que chamamos de superação (capacidade de lidarmos com nossas próprias incapacidades).

---

<sup>32</sup> Atividades da vida prática é a mesma que as instrumentais da vida diária, descritas anteriormente. As atividades do lazer são medidas em relação ao tempo, dinheiro ou ambos, atividades e interesses.

De acordo com Ciornai(2000),citando Achterberg: “hoje em dia a maior doença em todo o planeta é a solidão, e desarmonia ou perda da alma”. Proporcionar a integração interpessoal, evitando o isolamento e facilitando a inserção são alguns dos objetivos quando o trabalho arteterapêutico é realizado em grupo.

### 3.2 AS SESSÕES

...O sujeito mnêmico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência. A narrativa oral que ignora a sedimentação do discurso escrito é temporal e não especializada, que a rigor é também intuição de um presente desvendado. O sujeito se sente crescer junto com a expressão dessa intuição. Psicicamente e até somaticamente se sente rejuvenescido.

ECLEA BOSI

As sessões com o grupo em questão aconteceram em torno de resgatar memórias e identidade. Ir ao encontro com suas raízes foi a estratégia utilizada e nada melhor que a busca da memória familiar para esta promoção. Bosi (2004) afirma que o movimento da recuperação da memória tem origem mais profunda, como a necessidade de enraizamento e do vínculo com o passado, e dele se extrai a força para formação de identidade. Em uma das sessões foi realizado a confecção de uma árvore genealógica, com objetivo de exercitar a memória através de seus ascendentes, como fatos ocorridos e origens dos antepassados.

A memória pode fazer reaparecer e reproduzir a imagem, pode reconhecer a imagem como pertencendo ao passado do sujeito que a recorda e pode localizar temporalmente um objeto lembrado como referência a um esquema temporal psicológico ou físico ( NOGUEIRA e QUINTANILHA, 2006, p.7).

Chamarei os membros do grupo de *alfa*, *bravo*, *charlie*, *delta*, *echo*, para preservar a sua identidade. Sendo, *alfa* esposa de etilista, *bravo* o único homem com sequela cognitiva após AVC, *charlie* com deficiência física instalada, *delta* uma mulher confusa que esqueceu de si mesma, de tanto permitir prevalecer as vontades do marido, apresentando desorganização interna e esquecimentos constante, *echo* uma mulher com uma sexualidade exarcebada tardia, por ter esquecido de si mesma ( e ser esquecida) no passado.

Durante a atividade proposta de nomear os ancestrais na árvore, além de colher histórias de vida, colhi vivacidade e observei a riqueza dos detalhes.



IMAGEM 21- Árvore genealógica

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo (BOSI, 2004, p.16).

Bravo lembra de seus avós que residiam em Campina Grande na Paraíba, seu pai era estivador e trabalhava no cais do porto. Diz que de tanto ajudar o seu pai na colheita da flor de agave, viu que não queria esta profissão para a sua vida. Logo depois foi escalado para serviço militar obrigatório, porém trabalhando também nos portos de navio.

Echo diz que seu pai era agrimensor (antigo agricultor) e descendente de francês, descobridor do “olho d’água”. *“Petróleo que jorrava como uma nascente e que ali formava o Rio de Janeiro”*(SIC- a paciente). Sua mãe era *“matuta do sertão”*(SIC), filha do terceiro casamento do maestro de violino. Conta que sua mãe viu o seu pai somente no dia do casamento. Diz não saber muito de seus familiares e que não gosta de lembrar de tristezas, referindo-se do seu pai esquizofrênico. Em outro momento, relata ter *“sangue de lampião cangaceiro, antigo Robin Hood”*. Acrescentando que Maria Bonita se tornou bandida junto com lampião e seu bando. Faz então uma correlação com suas idas e vindas ao Paraguai, colando seus produtos (relógio) no próprio corpo com absorventes. Guardando em sua carteira até hoje a cédula de um dólar como lembrança de suas viagens. Mecanismos psíquicos similares são descritos por Bosi desta forma:

são estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se encorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-mundi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador (...) Há objetos que a moda valoriza, mas não se enraízam nos interiores ou têm garantia por um ano, não envelhecem com o dono,

apenas se deterioram. Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade(BOSI,2004, p.26).

Charlie cita o lugar onde nasceu, Camaratuba e Mamanguape, interior de João Pessoa, perto do Rio Tinto. Seu pai era comerciante, dono de armazém, e por ela o ajudar desde os oito anos de idade no diz: “-Herdei do meu pai o gosto pela profissão de *vendedora*”. Lembra vagamente de uma revolução e seu pai saiu da cidade da Penha para a Nova Cruz. Relembra ter tido quatro irmãs e uma delas chamava-se Julieta, esta ao casar-se foi residir no Rio de Janeiro e por causa dela toda a família veio para esta cidade. Diz que Julieta faleceu mais tarde de infarto do miocárdio. As narrativas de vidas são muito importantes nas vivências de grupo como nos atesta Bosi:

insisto nos termos narrativa e oralidade. Ambas se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente (BOSI, 2004, p 45).

Na vigésima-primeira sessão, brasões com sobrenomes dos pacientes pesquisados na internet foram dados como aquecimento para a futura confecção dos estandartes familiares, através do ato de transformar, formando um novo brasão que os identificassem em seu contexto familiar.



IMAGEM 22 - Brasões pesquisados impressos.



IMAGEM 23 - Transformando os brasões para formar um novo brasão.

Também não pode haver formação do símbolo, sem que a alma se detenha, por um tempo bastante prolongado, nos fatos elementares, isto é: até que a necessidade interior ou exterior do processo vital produza uma transformação na energi (JUNG, 2008, p.33).

O grupo foi motivado a escrever o que lembrava sobre histórias familiares. De acordo com Philippini( 2007), “ a interação verbal entre arteterapeuta e cliente, nesta etapa do processo, poderá acontecer facilitando a contextualização do campo simbólico no cotidiano da vida daquele indivíduo”. Delta compartilha com o grupo que sua família por parte paterna, é descendente de árabes, porém não sabe do histórico familiar, apenas que comem quibe nas refeições. Seu avô residia em Campos dos Goytacazes com sua avó mineira, abandonando-a para viver com uma mulher vinte anos mais nova do que ela. Sua avó, por sua vez, casou-se novamente, gerando dois filhos e mudando de residência para o Rio de Janeiro.



IMAGEM 24- Brasão da identidade familiar em reconstrução.

*Alfa* reconta a história narrada por sua avó materna. Seu bisavô português era caçador e por isso passava uma boa parte de seu tempo no mato, quando avistou uma índia, mais tarde chamada por ele de “*cabloca do mato*”. Lançou o seu laço nela, ensinou-a a falar, educou-a e mais tarde casou-se com ela. Sua avó era pequena quando seus bisavôs faleceram, sendo criada pelo irmão mais velho. Todos já faleceram, inclusive sua avó. *Bravo e Charlie* disseram que não recordaram nada sobre o seu próprio histórico familiar apesar de ambos terem a memória retrógrada preservada.

A confecção do estandarte familiar reiniciou-se na sessão seguinte e materiais adicionais tais como: pano tipo brim na cor creme, tintas, colas relevo, fitas e pauzinho para churrasco complementaram os brasões modificados.



IMAGEM 25- Suporte para o brasão

A atividade expressiva foi realizada após um café da manhã à americana, enriquecido com dotes culinários do grupo, solicitando para repetir em outros momentos. Concentraram-se na confecção do estandarte e apesar das diversas opções de ornamentação escolheram símbolos repetitivos, iguais entre si.



IMAGEM 26-Energia transformada em símbolos através do estandarte



IMAGEM 27- Estandarte em construção

*Bravo*, ao olhar para o seu estandarte em construção, comentou que sua vida é um livro fechado. Depois de tal revelação, sorriu e não quis compartilhar com o grupo. Segundo Jung, citado por Silveira (2007), “o processo criador, na medida em que o podemos acompanhar, consiste numa ativação inconsciente do arquétipo, no seu desenvolvimento e sua tomada de forma até a realização da obra perfeita”.

A vigésima-terceira sessão deu continuidade à confecção do estandarte familiar, sendo acrescentado ao material, o ferro de passar roupa e o papel para “*transfer*” para fazer a transferência do brasão modificado para a estrutura do estandarte que, neste caso, foi o pano.





IMAGEM 28- O Processo.

*Charlie* chegou ao grupo falante e entusiasmada pela primeira vez, dizendo que pesquisou sobre o pai de seu filho, e que o mesmo era descendente de alemão com negro. Seu assunto trilhou para a sexualidade, acrescentando que o homem negro é quem sabe fazer sexo, os brancos não sabem, e por isso a maioria de seus parceiros sexuais eram negros.

Durante o percorrer do grupo houve uma pequena discussão entre *Alfa e Delta*. *Alfa* quis fugir da situação, desajustando-se ao ponto de descoordenar-se motoramente, deixando cair objetos ao chão, demonstrando desejo de ir embora . Após minha intervenção resolveu ficar, porém sem dar atenção para a colega.

O grupo cria um espaço potencial para o aprendizado de socialização e interação afetiva. Ao perceber no outro qualidades e *defeitos* , o indivíduo tem a oportunidade de refletir na possibilidade em tornar-se mais tolerante para com a dificuldade alheia e também para com a sua. O sentir-se incluído, ou fazendo parte de um grupo, para a realização de uma atividade, desenvolve sentimentos de companheirismo, satisfação, identificação, apoio, proteção, ajuda e pertencimento.



IMAGEM 29- Estandartes individuais

E nos processos grupais ocorrem ciclos psicodinâmicos com relativa regularidade, e sobre este tema registra Philippini(2008):

A fase seguinte e final, é o surgimento natural do ciclo e processos grupais autogestivos, que se manifestam por sugestões, pedidos e movimentos de coesão grupal, período em que caberá ao arteterapeuta instrumentalizar estes sinais de autonomia, para que se fortaleçam e se configurem como manifestações de saúde e transformação do grupo atendido.

Um participante do grupo propôs a confecção de um blog na internet, alguns divergiram mas não sugeriram outras idéias. Cada um dos participantes escreveu textos particulares, sendo unificados mais tarde, e discutiram o título do blog. O nome escolhido inicialmente foi: “ *As sobreviventes*”. Neste período o único homem do grupo não estava presente na sessão. Segundo Bosi (2004), “Para os depoimentos que são autobiografias vale considerar que estas são, além do testemunho histórico, a evolução da pessoa no tempo”. Segue alguns depoimentos do grupo: “*somos um grupo unido e sobrevivente, batalhamos em prol do nosso bem estar e dos nossos familiares. Gostamos de defender os nossos direitos e respeitar a individualidade de terceiros*” (*As sobreviventes*).

Os processos autogestivos costumam apresentar-se quando já há vínculos sólidos entre participantes e facilitador. Alfa depôs que “*os trabalhos foram bons, lembrei do meu passado que havia perdido, lembrei de familiares que já se foram. Voltar ao passado que estava*

*adormecido dentro de mim foi prazeroso. A arteterapia proporcionou auto- confiança e a liberdade de eu falar e me expressar” .*

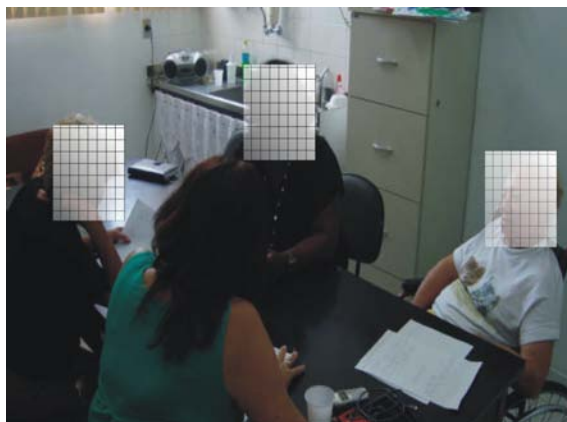


IMAGEM 30- - Confecção de texto para o blog

Depoimento de Echo: “ *O grupo é um tratamento no qual expressamos os sentimentos através dos trabalhos e serve para esclarecer opiniões e dúvidas a respeito de problemas familiares e sociais. São muitos os benefícios de estar participando do tratamento: espaço em que permite dar opiniões, ser social, o conhecimento de nossa identidade, interagir e mútua ajuda ao reencontro consigo mesmo*”(2008).

A escolha das fotos para o blog foi o lema da sessão seguinte. Logo após, surgiu a idéia de criar um brasão para representar o grupo no blog.



IMAGEM 31 - Processo criativo



IMAGEM 32- Confeção do brasão do grupo

Esta solicitação foi acolhida, pois como ensina Bosi; a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo (Bosi, 2004, p.56).



IMAGEM 33 - Discussão em grupo sobre a produção do brasão coletivo.



IMAGEM 34 - A heráldica do brasão: escrita criativa.



IMAGEM 35- Materialidade do brasão.

As materialidades expressivas em Arteterapia reforçam e sustentam o processo como atesta Philippini:

Ao explorar texturas, formas, curvas, cavidades, pontas, no reconhecimento da singularidade de cada material expressivo, somos beneficiados por propriedades terapêuticas e teremos em consequência o desenvolvimento de algumas habilidades adormecidas (PHILIPPINI, 2008, p.66).



IMAGEM 36 - Símbolos do brasão

Uma vez pronto o brasão a Heráldica descrita pelo grupo das sobreviventes foi “um brasão representando a sobrevivência perante as tristezas, sendo composto por um escudo de fundo branco significando a paz que desejam ter. O amarelo significa a energia necessária para sobreviver, a cor vermelha representa a paixão pela vida, as flores retratam os momentos de alegria durante o grupo, no processo arteterapêutico. O grupo de quatro mulheres e um homem simboliza a união dos sobreviventes das tristezas e conflitos sociais demarcado por uma faixa com esta descrição. O elemento simbólico expoente é a figura feminina reverenciando a memória dos preconceitos sofridos pela mulher na sociedade. Fato histórico na memória oral citado pelo grupo dos sobreviventes<sup>33</sup> foi durante a década de 70, o lançamento pelo mercado da moda a calça jeans, mini-saias, bustiês, vestidos justos e o estigma rotulado pela sociedade para quem se apropriasse de tais vestimentas, gerando um transtorno naquela época. Também não lhes era dado o direito de relacionar-se com um grupo de amigas e nem o diálogo com os pais sobre sexualidade.

A mulher de vestido branco simboliza a liberdade de vida que não havia naquela década e nem atualmente, apesar de poder usar a calça jeans (muito bem representada pela atriz brasileira Juliana Paes). A figura da mulher com o cachorro no colo expressa a amizade e a fidelidade do cão pelo homem. Conforme dizia, Lord Byron<sup>34</sup> “ quanto mais eu convivo com os homens mais eu gosto dos animais”. A sobrevivente da fita métrica simboliza a luta pelo emagrecimento, o cuidado com a saúde e apesar das dificuldades, não desistir nunca.

---

33 A nomenclatura do grupo modificou devido a lembrança da composição de um homem inserido no grupo, pois o mesmo havia até então caído no esquecimento, devido as suas faltas consecutivas por motivo de viagem em família.

34 George Gordon Byron, 6º Barão Byron (Londres, 22 de Janeiro de 1788- Missolonghi, 19 de abril de 1824), melhor conhecido como Lorde Byron, foi um destacado poeta britânico e uma das figuras mais influentes do Romantismo. Ele é famoso pelas suas obras-primas, tais como *Peregrinação de Childe Harold* e *Don Juan*. Esse último permaneceu inacabado devido à sua morte iminente. Byron é considerado como um dos maiores poetas europeus, também foi um dos primeiros escritores a descrever os efeitos da maconha. In: <http://www.wikipedia.com.br>-Acessado em 08/11/2008.





IMAGEM 37 - Estandarte coletivo

Depois de construídos as insígnias e o brasão que transformou-se em estandarte coletivo para a representação do *grupo dos sobreviventes* na internet, algumas dificuldades do tecnicismo apareceram na construção do blog. O espaço físico onde transcorria o tratamento era desprovido de sinal para conectar a internet; além do fato, foi constatada, por mim, a exclusão do grupo do mundo digital. Inicialmente, um projeto piloto foi criado para além da representação do grupo dos sobreviventes, escolhendo a abordagem temática do blog e fotos a serem divulgadas. O esboço do blog foi criado pelos pacientes em papel A4, prossegui na criação da conta para o grupo com o meu computador em minha residência e posteriormente salvei a página construída e levava para a sessão seguinte. O estandarte foi amplificado, a materialidade foi transformada de papel 40kg, isopor, franjas, cola, canetinhas, madeira, papel camurça, fitas para a tela do computador e visto *on-line*. Porém, continuou como símbolo e linguagem simbólica e como via de representação da identidade, em sua apropriação subjetiva e coletiva. Reforçando esta percepção Philippini nos diz que

no processo arteterapêutico a compreensão dos múltiplos significados contidos nos símbolos advém do trabalho criativo, plástico e expressivo que deve preceder a abordagem verbal ao mesmo. A produção imagética é consequência de processo primários de elaboração psíquica, tendo assim na maioria das vezes a possibilidade de não passar pelo crivo da consciência e do controle egoico. Posteriormente, ao ser confrontada através de sua materialidade, poderá começar gradualmente a oferecer alguns, dentre seus múltiplos significados. O leque representado por esta multiplicidade de informação aberto pela transposição de linguagens plásticas e

expressivas, em abordagem genericamente denominada: AMPLIFICAÇÃO (...) A atenção focal nos processos de arteterapia prioriza a singularidade, a biografia e o inconsciente pessoal e a atenção global se volta aos níveis abrangidos pela cultura e pelo inconsciente coletivo expresso no imaginário, produções culturais e folclore. ( PHILIPPINI, 2007 )

Para estender os benefícios terapêuticos desta atividade, criei em conjunto com a instituição, Marinha do Brasil, o *I Curso de Inclusão Digital para a Melhor Idade* gratuitamente, na Região dos Lagos no Rio de Janeiro, com a abertura de mais cinco vagas para outras pessoas fora deste grupo, objetivando, além da inclusão digital, criar novos espaços de relacionamento, fortalecimento dos já existentes e prevendo na finalização do curso, a reconstrução do blog, assim como facilitando o reconhecimento do sujeito através da busca de sua origem: o enraizamento.

A aula inaugural ocorreu no dia 09 de março de 2009, as aulas acontecerão três vezes por semana, sendo que no terceiro dia da semana a metodologia aplicada será o feedback (revisão das aulas anteriores objetivando estimular a memória recente). A duração das aulas será de uma hora e trinta minutos, no turno da manhã, e com previsão de término do curso de em um semestre.

Estarei prestando supervisão técnica para a equipe pedagógica do curso de informática e uma vez por semana participarei da aula do curso para possíveis consultorias nas intercorrências, já que esta turma é a precursora do projeto. Este curso é a rede de sustentação<sup>35</sup> propriamente dita, e a proposta foi bem sucedida na parceria da instituição com o curso técnico da região, que após a turma pioneira fará novas turmas com a mesma abordagem e quem sabe novos instrutores no campo da informática estarão em construção.

---

<sup>35</sup> Rede de sustentação- neste contexto significa estratégias para sustentar e ampliar os benefícios obtidos no processo arteterapêutico.





IMAGEM 38- Participação da arteterapeuta na aula de inclusão digital

A Arteterapia, como ação neste grupo estudado, facilitou o ingresso a todos no mundo digital, viabilizando o sentimento de inclusão social, que durante o processo arteterapêutico foi constatado ser tão importante para a estruturação da identidade, outrora esquecida. Termina a jornada deste estudo com a reflexão da psiquiatra brasileira:

a simples emergência de imagens arquetípicas não resulta em obras de arte. Essas imagens surgem cotidianamente nos sonhos e nas fantasias de todos os seres humanos. Entretanto as obras de arte são raras . Faz-se necessário que as rudes imagens primordiais sejam elaboradas, ou melhor transmutadas em formas que possuam certas qualidades, ditas artísticas. É preciso que essas formas apelem para os sentidos e falem a linguagem da época...(SILVEIRA, 2007, p.149).

## CONCLUSÕES

A sociedade brasileira favorece o consumo, substituindo o produto velho pelo novo. A especificidade da publicidade é ejetar padrões com linguagem manipuladora em uma velocidade luz, utilizando a metodologia de inovar, desvalorizando o já usado. Assim como os produtos, os velhos em nossas comunas são desvalorizados, despossuídos do direito de ser e de desejar.

Durante a fase diagnóstica, no grupo atendido, percebi que suas memórias e identidades não foram preservadas. No processo arteterapêutico observei que no contexto familiar em que estavam inseridos não lhes era dado o direito de exercer a autonomia, ou seja, a liberdade de escolhas. Fatos estes que supostamente levaram à confusões nas áreas da cognição, repercutindo nas atividades cotidianas, provocando alto índice de esquecimento da identidade.

Nas sessões arteterapêuticas trabalhei com temas ligados à memórias e identidade, o ser individual e o ser coletivo. Surgindo então, na fase autogestiva a idéia da confecção do brasão, estandarte e amplificação do estandarte, o virtual, denominado blog do grupo dos sobreviventes. Então, o sujeito que sofria a ação torna-se desejante da ação. Através do desejo de construir o blog, eu como facilitadora do processo arteterapêutico, criei uma rede de sustentação com o grupo de voluntárias, constituído por esposas de militares, o projeto piloto I Curso de Inclusão digital para a Melhor Idade em São Pedro da Aldeia. O projeto consiste em auxiliá-los no caminho tecnológico, e eu como arteterapeuta estarei dando continuidade neste processo para que no futuro próximo sejam os próprios diretores do blog do *grupo dos sobreviventes*.

Neste processo observei o resgate da identidade do esquecido, pois manifestaram seus desejos, mesmo diante do aprisionamento familiar, superando as dificuldades com resiliência, proporcionando vez, à sua voz. Saindo e emergindo no seu querer, amenizando os prejuízos da memória causados por AVC ou por outras variáveis. O estandarte e sua amplificação foi uma, dentre as vastas possibilidades em Arteterapia de auxiliar o processo da individuação, e através dele pode-se trabalhar questões vinculadas ao passado, para possivelmente facilitar o resgate da identidade relacionando o presente e futuro.

## REFERÊNCIA:

ACHTERBERG, Jeanne. **Imagética e cura.** *In:* Arteterapia reflexões- Revista do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae, ano IV, nº 3, 1999-2000.

**BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON.** 2ª ed. Editora Vida, 1993.

BOMFIM, Márcio Luiz Bastos. **Metodologia científica.** *In:* Centro de ciências Sociais. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 1998.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia social.** 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CASA GERONTOLÓGICA DE AERONÁUTICA BRIGADEIRO EDUARDO GOMES. **O desafio multidisciplinar: um modelo de longa permanência para idosos.** São Paulo: Yendi, 2006.

CIORNAI, Selma. **Imagética e cura.** *In:* Palestra magna proferida na abertura do XXVIII Congresso da Associação Americana de Arte Terapia (AATA), 1997.

**DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA.** LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova cultural, 1992.

**DICIONÁRIO FRANCÊS-PORTUGUÊS-PORTUGUÊS-FRANCÊS.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.

**DICIONÁRIO PORTUGUÊS-INGLÊS- INGLÊS-PORTUGUÊS.** Mini Collins. 2ª ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

DOWNING, Christiane (org). **O espelho do self.** São Paulo: Cultrix.

EDINGER, Edward F. **Ego e Arquétipo.** São Paulo: Cultrix, 1972.

JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica**. 10ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Claudia Katerina Brasil e QUINTANILHA, Moema Sanchez. **Criatividade**. Módulo I. *In*: Projeto a vez do mestre. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2006.

PÉREZ, Jesus Martin e BOMFIM, Márcio Luiz Bastos. **Metodologia do trabalho acadêmico e científico**. *In*: Centro de ciências Sociais. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 1998.

PHILIPPINI, Angela. **A abordagem arquetípica**. *In*: Fundamentos em Arteterapia. Rio de Janeiro: POMAR, 2007.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da criação, caminhos da coragem**. *In*: Métodos, Projetos e Processos em Arteterapia. Rio de Janeiro: POMAR, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cartografias da coragem**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

\_\_\_\_\_. **Conexões criativas, vivências grupais e construções coletivas em Arteterapia**. *In*: Arteterapia e seus territórios de criação. Rio de Janeiro: POMAR, 2007.

QUINTANILHA, Moema Sanchez. **Oficina de artes e linguagem dos materiais**. Módulo III. *In*: Projeto a vez do mestre. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2006.

SILVA, Paola Rosa da Silva. **Grafitar: um movimento de denúncia de adolescente e um instrumento terapêutico ocupacional**. *In*: Centro de Ciências da Saúde e Biológicas. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 2003.

SILVEIRA, Nise da. **Jung, vida e obra**. 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

SOUZA, Virginia Maria Castilho Ribeiro de. **Oficina de artes e linguagem dos materiais**. Módulo I. *In*: Projeto a vez do mestre. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2005.

VASCONCELLOS, Márcia Santos Lima de. **Apostila de metodologia da pesquisa.** Rio de Janeiro: POMAR, 2007.

ZALUAR, Amélia. **O poder mágico do barro.** *In:* Imagens da transformação, Rio de Janeiro: n° 4, vol. 4, p.4-14, outubro, 1997.

WILLARD E SPACKMAN. **Terapia Ocupacional.** 9ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2002.